



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A PICAÇÃO ESCOLAR COMO GÊNERO DO DISCURSO

Arthur Ribeiro Costa e Silva¹

Introdução

Uma porta de banheiro sem frases é um corpo sem alma.

Anônimo de Florianópolis

A vontade de responder perguntas sobre as pichações nas escolas tem relação direta com inquietações minhas como pesquisador e como ser humano. Percebi, em meados de 2012, ao elaborar o projeto de pesquisa que originou a pesquisa, que a grande maioria das investigações sobre a escola na área da linguagem era de análises entre as quatro paredes da sala de aula. Estuda-se a produção textual dos alunos, ensino de gramática, didatização de gêneros... tentei, em minha pesquisa, me afastar dessa abordagem “aulocêntrica” da pesquisa sobre língua na escola, e me aproximar de suas margens.

O artigo começa com a retomada das teorias que basearam a análise, ambas imbricadas. A primeira corresponde ao método sócio-histórico de análise linguística, que coloca qualquer dizer sobre a linguagem do enunciado em dependência de um dizer sobre as condições da interação verbal nas quais a enunciação ocorre. A segunda aborda o fenômeno das pichações urbanas, expondo sua taxionomia e aspectos culturais e identitários que perpassam o fenômeno. A terceira corresponde aos estudos sobre a escola como espaço sociocultural, dando atenção principalmente aos jovens que frequentam esse espaço como alunos. Logo a seguir, pensamos nas articulações possíveis entre as teorias.

¹ Professor efetivo de Português da Secretaria Municipal de Educação de Belém – Pará. Aluno do Mestrado Profissional em Letras na Universidade Federal do Pará. ar-thur@hotmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Em seguida, descrevemos a metodologia da pesquisa realizada e os resultados das análises obtidos após o esforço interpretativo sobre as pichações recolhidas nas escolas visitadas. Finalizo o trabalho com considerações que resumizam o conteúdo e apontam caminhos de aplicação da pesquisa.

1. Teoria

Neste trabalho, nos movemos a partir da concepção de estudo da linguagem que Marcuschi (2008) chama socio-histórica e dialógica, atribuída à obra dos russos Valentin Voloshinov (s/da; s/db; 2010) e Mikhail Bakhtin (2010a; 2010b). A preocupação principal desses autores parece ter sido a construção de um método sociológico de análise do enunciado, baseado nas condições extralinguísticas de comunicação verbal (IVANOVA, 2011), o que os leva à seguinte ordem metodológica:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (VOLOSHINOV, 2010, p. 129)

Esse caráter social envolve os conceitos principais da teoria. O primeiro deles é o de signo ideológico, entendido como um signo “marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados” (VOLOSHINOV, 2010, p. 45), onde “confrontam-se índices de valor contraditórios” (2010, p. 47). O segundo ponto é a definição de gênero discursivo: cada condição de interação social “organiza, constrói e completa, de modo específico, a forma gramatical e estilística do enunciado, assim como a estrutura de onde ela se destaca” (VOLOSHINOV, s/db, p. 3), gerando uma estrutura linguística distinguível pelo estilo (as escolhas lexicais e gramaticais), a construção composicional (o ordenamento dos elementos) e o



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

conteúdo temático (relacionado à situação histórica concreta) (BAKHTIN, 2010a).

Nesse contexto, ressalta-se a intercalação, que

ocorre (...) tanto quando uma forma de um determinado gênero é inserida em meio a um enunciado de outro gênero, quanto quando ocorre uma mistura de formas de gêneros que torne imprecisa a delimitação entre eles. (SILVA, 2013, p. 245)

Cada intercalação corresponde a um dado efeito de sentido, relacionado com o campo de utilização dos gêneros envolvidos no fenômeno. Destaca-se ainda o conceito de dialogismo, entendido como a constante orientação, seja em alinhamento ou polêmica, crítica ou ironia, de enunciados a outros (BAKHTIN, 2010b; VOLOSHINOV, 2010).

Em relação à pichação, abordamo-la como “produto das primeiras manifestações de expressão visual humana, visto que o ser humano, por meio de sua necessidade de se expressar, usou como primeiro suporte a parede” (LASSALA, 2010, p. 47). Zan *et al* (2010, p. 467) indica o surgimento da pichação a partir do movimento Hip Hop, que consistia da tentativa de “apresentar alternativas” no âmbito da expressão artística “aos jovens da periferia de Nova York na década de 70”. Assim,

o conceito de grafite e pichação remete a uma interlocução com o conceito de juventude ou juventudes, e é um lugar teórico que torna visível as formas de comunicação dos jovens, bem como formas de protesto de grupos oprimidos e ainda maneiras de estabelecer um status, uma marca em relação a um grupo. (ZAN *et al*, 2010, p. 466)

Este sistema, no contexto brasileiro atual, traz, segundo Lassala (2010), uma sintaxe própria, com o tag reto, estilo de escrita “caracterizado por letras retas, alongadas e pontiagudas (...) que procuram ocupar o maior espaço possível no suporte” (2010, p. 63); as grifes, grupos de vários pichadores, com “um símbolo a ser reproduzido pelos integrantes como forma de identificação” (2010, p. 64); os nomes dos pichadores, constituídos de “codinomes que funcionam como forma de



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

culturas juvenis são marcadas também pela “dimensão simbólica e expressiva”, com “a música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão” (DAYRELL, op. cit.) e pela adesão a estilos, formas simbólicas distintas, que se manifestam no corpo, nas vestimentas, etc. e geram entre os jovens a formação de grupos culturais. “A turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, ‘trocam ideias’, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um ‘eu’ e um ‘nós’ distintos” (DAYRELL, 2007, p. 1111). Ela constitui uma dinâmica de relações que define as pessoas mais próximas e as mais distantes para cada um, “recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil nos determinismos estruturais” (p. 1111). Ressalte-se ainda a reversibilidade constitutiva das relações juvenis, simbolizada na metáfora do ioiô, que mostra a lógica exercida pelo jovem de entrada e saída constante de grupos, situações e relacionamentos.

Para Dayrell (s/d), a escola é isolada do exterior por muros e grades, delimitando assim um mundo próprio, com procedimentos e tempos próprios. Sua arquitetura é pensada para tão-somente levar as pessoas às salas de aula. Os jovens, porém,

se apropriam dos espaços, recriando neles novos sentidos e suas próprias formas de sociabilidade. (...) essa resignificação do espaço (...) expressa sua compreensão da escola e das relações, com ênfase na valorização da dimensão do encontro. (DAYRELL, s/d, p. 13)

McLaren (1991) fala também da resistência contra a institucionalização escolar nos termos de uma desintegração, um trânsito por “símbolos não legitimados” que estão “a serviço da ruptura e erosão da autoridade do professor” (p. 202).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

2. Metodologia

A pesquisa, de setembro de 2012 a março de 2013, constituiu-se de levantamento bibliográfico acerca do fenômeno da pichação e do estudo sociocultural da escola, como descrevi nos tópicos acima. A partir de abril de 2013, dei início à visita às escolas para coleta de dados, que se estendeu até setembro de 2013. Configurou-se, assim, um estudo de caso sobre as pichações registradas em três escolas, uma de Ensino Médio, localizada no bairro de Batista Campos, e duas de Ensino Fundamental e Médio, uma localizada no bairro da Cidade Velha e a outra no bairro da Terra Firme, sendo as três da rede estadual de ensino.

As três escolas escolhidas possuíam um perfil semelhante no alunado: jovens moradores de bairros de periferia, de famílias economicamente desfavorecidas. Além disso, as três escolas compartilham dos problemas comuns à maioria das escolas da rede estadual de Belém: paredes e muros quebrados, abandono do paisagismo, recursos pedagógicos antigos, etc. Nas escolas, transitei principalmente por corredores, áreas de convivência e salas de aula, observando as paredes, carteiras e quaisquer outras superfícies que contivessem inscrições, como peitoris e vidros de janelas, portas, etc.

No total, foram feitos cerca de 390 registros fotográficos de pichações em carteiras, paredes, muros, colunas e outras superfícies. Esses registros foram selecionados e resultaram num *corpus* de 200 imagens. Não foi necessário excluir qualquer tipo de pichação da análise.

3. A pichação como gênero

Pensar a pichação como um gênero implica pensar em uma questão-chave: é possível pensar no significante pichação como tendo um referente bem definido e uniforme, que possa se enquadrar em uma descrição genérica que façamos sobre ele?



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

referência ambivalente de si e do outro (figura 2). Pode-se dizer, assim, que a pichação escolar possui conteúdo temático próprio;

b) A pichação escolar é, em geral, um texto muito curto. No mínimo, pode ser realizada com uma palavra apenas, e, no máximo de sua extensão, não discorre com mais do que algumas palavras sobre o tema. Essa extensão mínima está relacionada com a finalidade do gênero: ele não pretende ser argumentativo, ou narrativo, e sim, na maioria das vezes, é essencialmente uma assinatura e/ou um registro (figura 3), podendo se aproximar, em suas manifestações mais extensas, de um caráter informativo, de divulgação de seus autores ou do fato tratado (figura 4);

c) A pichação escolar, se encontrando em uma tensão entre a tradição discursiva da pichação e a cultura escolar, manifesta características derivadas de ambos os lados. Há manifestações que utilizam formas e sintaxe semelhantes às da pichação urbana e ocupam um amplo espaço das superfícies, mas, na maioria das vezes, as inscrições aparecem em tamanho reduzido, e se aproximam, mais ou menos, da escrita cotidiana dos jovens;



Figura 1 – Pichação em parede fazendo referência ao próprio autor e a um grupo do qual ele participa (Cremação – Bairro de Belém). Fonte: Pesquisa de campo, 2013



Figura 2 – Pichação em parede fazendo referência ao autor e a outra pessoa. Fonte: Pesquisa de campo, 2013



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Figura 3 – Pichação com extensão mínima, aproximando-se de uma assinatura. Fonte: Pesquisa de campo, 2013



Figura 4 – Pichação com extensão grande em relação à média. Observa-se aproximação de caráter promotor do autor, que se identifica como alguém que “nasceu pra vencer” e que “só deus pode parar”. Fonte: Pesquisa de campo, 2013

d) A pichação escolar manifesta linguisticamente diversos elementos da cultura dos jovens. Posso apontar, como alguns exemplos: a derivação dos nomes e adjetivos para o diminutivo, que aparece em grande parte das inscrições analisadas, e manifesta a familiaridade presente nas relações entre os jovens (figura 5); o uso de diversos adjetivadores, como *100%*, *4ever* (forma para *forever*, termo em inglês de para sempre) e outros (figura 6); uso de expressões fáticas próprias da cultura juvenil, como “morô”, “falow” e “tá ligado” (figura 7); uso da preposição “de” como sinalização principal do pertencimento a um certo grupo, ao ponto do sintagma preposicionado parecer um complemento obrigatório do próprio nome do autor da pichação (figura 8);

Esses são os quatro elementos distintivos da pichação escolar que destacamos. É inegável, porém, a presença de outras características além dessas



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

quatro. Esses elementos não caracterizam uma quebra da fronteira que traçamos para a pichação escolar; antes, confirmam sua existência, pois se relacionam com tradições discursivas diferentes, o que nos permite dizer que constituem gêneros intercalados na pichação.

Nas pichações que chamamos de *conteudistas*, os registros feitos pelos jovens se aproximam muito do lembrete e da anotação, gêneros utilizados na escola como estratégias de aprendizado ou de memorização dos conteúdos. Podemos afirmar que a única distinção entre a pichação conteudista e esses gêneros tradicionais está no fato da pichação ser escrita nas carteiras e paredes.

Já nas pichações que chamamos de *textuais*, há uso de vários recursos que aproximam a inscrição de textos literários, como rimas, metáforas, comparações, dentre outros. Localizamos esses recursos na tradição discursiva da literatura e da poesia, e as pichações apropriam-se deles em alguns momentos, a critério do autor, como forma de situar a inscrição num território de expressão de sentimentos e emoções.



Figura 5 – Pichação com nome no diminutivo. Fonte: Pesquisa de campo, 2013



Figura 6 – Pichação com adjetivador “100%”. Fonte: Pesquisa de campo, 2013



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”



Figura 7 – Pichação com expressões “tá ligado” e “é nós”. Fonte: Pesquisa de campo, 2013

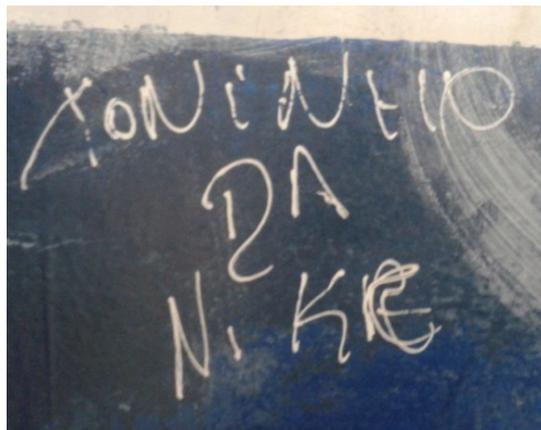


Figura 8 – Pichação com sintagma preposicionado com efeito de pertencimento (da Nike). Fonte: Pesquisa de campo, 2013

Conclusão

Demonstramos neste estudo que a variedade atordoante que se mostra à primeira vista no fenômeno da pichação escolar representa, na verdade, o surgimento de um gênero do discurso específico, mediado por condições sócio-históricas que estabelecem tensionamentos entre a cultura urbana periférica e a cultura escolar. Assim, podemos concluir afirmando que a pichação é um fator que deve ser observado com atenção se almejamos o diagnóstico, a mediação e a superação de conflitos na escola, pois ela materializa e revela pela linguagem dados concretos acerca destes.

Paralelamente, o fenômeno apresenta exemplos de intercalação de gênero, um fenômeno comum, oriundo da relação indelével entre as diversas esferas da atividade humana. Os sujeitos se apropriam de certos gêneros e introduzem-nos em outros como forma de materializar certos sentidos. A pichação escolar, portanto, não escapa dessa dinâmica viva da língua, o que confirma seu



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

FANFANI, E. T. **Culturas jovens e cultura escolar**. In: *Seminário “Escola Jovem: um novo olhar sobre o Ensino Médio”*. Brasília: Ministério da Educação, 2000. Disponível em: [<http://is.gd/uLGFsk>].

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LASSALA, G. **Pichação não é pixação – uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas**. São Paulo: Altamira Editorial, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

McLAREN, P. **Rituais na escola – em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Tradução de Juracy C. Marques e Angela M. B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1991.

SILVA, A. R. C. **Intercalação de gêneros do discurso: um fenômeno multifacetado**. In: *II Seminário Interação de Subjetividade no Ensino de Línguas*, 2, 2013, Castanhal. *Anais do II Seminário Interação e Subjetividade no Ensino de Línguas*, pp. 243-251. Castanhal: UFPA/Faculdade de Letras, 2013. Disponível em <http://is.gd/Va8m6W>.

TOMAZETTI, E. M. *et al.* **Entre o “gostar” de estar na escola e a invisibilidade juvenil – um estudo sobre jovens estudantes de Santa Maria, RS**. *Educação*, v. 36, n. 1, pp. 79-94. Santa Maria: 2011. Disponível em: [<http://is.gd/FjlwXy>].

VOLOSHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte – sobre poética sociológica**. Tradução para fins didáticos de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. s/da. Disponível em: [<http://is.gd/o903ox>].

